

O PAPEL DA EDUCAÇÃO NA SOCIEDADE CAPITALISTA

Marinez de Carvalho ¹, Guilherme Messias de Carvalho Verff²

¹Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Santa Helena, Paraná, Brasil
(marinezcarvalho@utfpr.edu.br)

²Universidade Federal do Paraná (UFPR), Toledo, Paraná, Brasil

Resumo: Esta reflexão versa sobre o papel da Educação na sociedade capitalista e tem como objetivo de entender se a Escola transforma a sociedade? Para o estudo foram selecionados três pensadores clássicos Marx, Dewey e Gramsci. Conclui-se que a educação, por si só, não transforma a sociedade, mas as ações dos indivíduos envolvidos no processo podem contribuir para a transformação social ao formar cidadãos críticos e conscientes capazes de lutar coletivamente pela superação do capitalismo.

Palavras-chave: Educação; Escola; transformação; Sociedade.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho compreende uma reflexão sobre o papel da Educação na sociedade e tem como objetivo de responder se a Escola transforma a sociedade? Para atingir o objetivo proposto foram selecionados três pensadores considerados relevantes para responder a referida pergunta Marx, Dewey e Gramsci, com o intuito de reunir informações e responder de forma fundamentada com base em leituras de obras dos pensadores em questão e estudos científicos produzidos sobre a temática.

Muito se tem falado sobre a educação e seu papel na sociedade. Porém, compreendê-la neste contexto, não é algo fácil, principalmente no que se refere ao seu papel de transformação ou de conservação social, pois o debate que envolve a função social da educação é polêmico e contraditório e permeado de correlação de forças, interesses de classes, lutas e contradições.

Analisando o papel da Educação, à luz dos autores selecionados, na conservação e/ou transformação social, conclui-se que a educação não transforma a sociedade sozinha, como prega o discurso neoliberal do capital, porém observa-se que as ações dos indivíduos envolvidos no processo educacional podem contribuir ou não para a transformação da sociedade.

MATERIAL E MÉTODOS

Esta pesquisa tem como objetivo compreender o papel da Educação na sociedade capitalista e responder se a Escola transforma a sociedade?

Para atingir o objetivo pretende-se fazer uma breve discussão sobre a educação na sociedade capitalista, em um segundo momento propõe-se refletir acerca do papel da educação na transformação da sociedade a luz dos pensadores selecionados Marx, Dewey e

Gramsci, para dialogar sobre a temática, pois foram considerados relevantes atingir o objetivo do proposto.

O procedimento adotado para a realização deste estudo foi a pesquisa bibliográfica. A análise do estudo será fundamentada na perspectiva histórico-crítica adotando como referencial o Método Dialético que tem base no Materialismo Histórico. Segundo KOSIC (1995) o método dialético é o pensamento crítico que vai além da aparência do objeto para compreender a realidade saindo do senso comum, de tal forma que o objeto seja aprendido em sua totalidade desvendando o mundo da aparência.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Compreender a Educação na sociedade não é algo fácil, principalmente no que se refere ao seu papel de transformar ou de conservar as relações sociais na sociedade, pois o debate que envolve esta questão é polêmico e contraditório. O contexto em que ela se insere no espaço e no tempo é permeado de correlação de forças, interesses de classes, lutas e contradições.

Considerando que a Educação está inserida em um campo desigual e que envolve interesses sociais, políticos e econômicos, antagônicos e que o seu papel se altera constantemente e deixa evidente que ela ora contribui para a transformação social, ora para a manutenção da ordem social vigente, uma vez que esta relação é regulada pelo Estado e influenciada pela ideologia dominante de cada momento histórico.

A Educação como ferramenta de transmissão e apropriação do conhecimento e da cultura é uma prática essencialmente humana. Segundo Marx o ser humano é o único animal capaz de colocar uma teleologia em suas ações, ou seja, capaz de planejar e projetar suas ações, pensá-las antes de colocar em prática e também um ser que tem necessidade de se



relacionar com outros indivíduos, precisa viver em sociedade, o que o torna um ser essencialmente social.

É por meio da Educação que os homens buscam entender a sociedade e o seu papel enquanto membro desta sociedade, para isto sistematiza o processo de aprendizado através da rede de ensino públicas e privadas, tendo em vista a possibilidade de adquirir elementos para manter a organização social, manter o homem controlado, melhorar as condições de vida, bem como, controlar o mundo natural e social para superar as condições primitivas e manter ou transformar o meio em que vive.

Neste sentido, discutir educação enquanto mecanismo de conservação e/ou transformação da sociedade requer reflexão sobre: consciência, sistema, estrutura e prática, sendo necessário ainda considerar as circunstâncias históricas, econômicas, sociais, políticas e culturais a qual os sujeitos estão inseridos e sua realidade, pois, são muitos os processos educativos os quais os homens são submetidos no decorrer da história e de sua vida em particular.

Diante do exposto, para analisar o papel da educação como elemento que conserva ou transforma a sociedade em diferentes contextos e momentos históricos, e responder se a escola transforma a sociedade ou não se utiliza o pensamento dos autores clássicos Marx, Dewey e Gramsci a saber, para fundamentar teoricamente o presente estudo.

A CONTRIBUIÇÃO DE JOHN DEWEY

John Dewey, pensador do início do século XX, período de racionalização do trabalho, crítico do liberalismo tradicional, defende que a escola precisava se modificar em função das transformações sociais daquele momento histórico; pregava e acreditava na harmonia social.

Para o autor os homens pensam de diferentes maneiras. Porém, algumas são melhores do que outras “a melhor maneira de pensar, a ser considerada nesta obra, chamada pensamento reflexivo: a espécie de pensamento que consiste em examinar mentalmente o assunto e dar-lhe consideração séria e consecutiva” (DEWEY, 1979, p.13).

Ressalta ainda que o pensamento reflexivo é uma cadeia, o pensar restringe-se, em geral, ao que não é diretamente percebido e aspira a chegar a uma conclusão, portanto, a reflexão não é apenas uma sequência, mas uma consequência e em qualquer pensamento reflexivo há unidades definidas ligadas entre si, resultando em um movimento contínuo para uma finalidade comum.

Para o autor o ato de pensar aplica-se as coisas não sentidas ou diretamente percebidas pelos sentidos, as coisas que não são vistas, ouvidas, tocadas, cheiradas, nem provadas. “Assim um pensamento ou ideia é a representação mental de algo não realmente presente;

e pensar consiste na sucessão de tais representações” (DEWEY, 1979, p.15).

CONCLUSÃO

O trabalho não será reformatado, por isso, siga rigorosamente as instruções dadas acima, caso contrário ele poderá ser recusado ou devolvido para melhoria.

O Estado, impossibilitado de superar as contradições que são constitutivas da sociedade – e dele próprio, portanto -, administra-as, suprimindo-as no plano formal, mantendo-as sob controle no plano real, como um poder que, procedendo da sociedade, coloca-se acima dela, estranhando-se cada vez mais em relação a ela. (SHIROMA; MORAES; EVANGELISTA 2000, p.8).

Assim, o ato de pensar reflexivo deve ter uma finalidade educacional, considerando que o ser pensante é movido por reflexões remotas, por resultados posteriores, como por exemplo, o sujeito que projeta se submeter a uma educação profissional para habilitar-se a uma carreira futura.

Na concepção positivista de Dewey o professor é visto como um guia, mas a vontade de aprender é própria do aluno, ou seja, o ato de pensar corresponde às necessidades cotidianas dos indivíduos e suas experiências são reflexivas. Como um bom positivista o autor entende que todos possuem capacidade de aprender, apesar de aprender de forma diferente; o professor transmite o conhecimento e a responsabilidade e o interesse de aprender é do próprio indivíduo.

Diferente de Marx ele acreditava que é possível superar a contradição na sociedade através da democracia participativa. Para ele a escola precisa ensinar a pensar e refletir sobre a realidade, no fazer pedagógico é preciso considerar as diferenças, pois reconhece que os indivíduos apreendem de forma diferente, porém possuem capacidades naturais para aprender, para ele a democracia é o ideal para uma sociedade melhor, mesmo com todos os seus limites.

Ele pressupõe que é possível formar uma nova consciência no homem pelo método pedagógico, para reformar a educação é preciso olhar para a sociedade democrática, é preciso agir com consciência para o bem comum, aprender não apenas repetir o que está posto, o senso comum, é preciso saber pensar e construir consciência para reproduzir o combinado, para o autor a contradição na sociedade é possível de ser superada.

Em suma, para o autor a sociedade é igual a um organismo onde todos participam da democracia na construção de uma sociedade mais justa, sendo assim, para transformar não é preciso mudar a forma de sociedade, é preciso mudar a forma de pensar e de



participar. Desde que todos sejam participativos é possível que a sociedade seja democrática.

O PENSAMENTO DE KARL MARX

Karl Marx, filósofo, sociólogo, jornalista e revolucionário socialista, do período que antecede a revolução russa. Crítico do capitalismo defendia a superação do mesmo, buscando novas formas de produção e distribuição econômica que igualasse os homens em suas condições materiais e sociais, libertando-os da alienação.

Marx não desenvolveu nenhum tratado sobre a educação, na verdade quem realiza este debate são seus estudiosos, porém, seu pensamento vem influenciando o campo da educação através da sua concepção de revolução, trabalho, educação e luta de classes, especialmente no que diz respeito à educação politécnica e omnilateral levantando, portanto, duas questões fundamentais:

Uma é o processo de contradição da sociedade capitalista e outra são as forças conservadoras dessa sociedade, e destaca que, nesse embate, o processo histórico não é, e não pode ser contido ou conduzido segundo interesses individuais, já que se constitui em um contexto universal (FAVORETO, 2008, p. 23).

Para Marx, é preciso superar a forma de organização capitalista para transformar a sociedade é preciso romper com o capitalismo, pois esta forma de sociedade forma o homem unilateral voltado ao mercado, impõem valor econômico a força de trabalho, o homem tem sua força de trabalho reduzida à condição de mercadoria, conforme demanda do capital, o conhecimento como mercadoria vendável, para tal forma-se seres com visão fragmentada que não tem um olhar para o todo, não reconhece a totalidade do objeto e não se reconhece no objeto que produz.

O misterioso da forma mercadoria consiste, portanto, simplesmente no fato de que ela reflete aos homens as características sociais do seu próprio trabalho como características objetivas dos próprios produtos de trabalho, como propriedades naturais dessas coisas e, por isso, também reflete a relação social dos produtores com o trabalho total como uma relação social existente fora deles, entre objetos. (MARX, 1985a, p.71).

Já o homem idealizado por ele que só é possível formar com a superação do capitalismo o homem omnilateral conhece todos os lados das coisas é capaz de conhecer as coisas para além do econômico e de reconhecer o valor humano nas coisas, vê para além do benefício particular, conhece todas as áreas do conhecimento e compreende a realidade para além do imediato.

Diferente de Dewey, Marx acredita que para transformar a sociedade é preciso mudar a forma de organização social, ele defende que são as bases

materiais que levam a um processo de mudança da consciência dos sujeitos para conservação ou para a transformação social:

São os indivíduos reais, sua ação e suas condições materiais de existência, tanto as que eles já encontraram prontas, como aquelas engendradas de sua própria ação. Essas bases são, pois verificáveis por via puramente empírica. (MARX, 1998, p.10).

A forma como os indivíduos produzem a sua vida de acordo com suas necessidades reflete no que eles são e satisfeitas suas necessidades, cria-se novas necessidades, neste sentido Marx entende que não são as ideias que criam a sociedade, mas a forma de ser social que cria as ideias, desta forma não é a consciência que transforma a vida, mas sim a vida que determina a consciência, sendo esta produzida historicamente através das relações sociais (trabalho e produção) estabelecidas pelos homens:

São os homens que produzem suas representações, suas ideias, etc., mas os homens reais, atuantes, tais como são condicionados por um determinado desenvolvimento de suas forças produtivas e das relações que a elas correspondem, inclusive as mais amplas formas que estas podem tomar. A consciência nunca pode ser mais que o ser consciente; e o ser dos homens é o seu processo de vida real. (MARX, 1998, p.19).

Marx expõe que a história, é a história das relações sociais dos homens, inserida no processo de produção das suas condições materiais de existência e de como estes interpretam essas relações, portanto, tais relações não são neutras, se dá através de transformações qualitativas e quantitativas a partir das contradições existentes nas relações sociais.

A história não é senão a sucessão das diferentes gerações, cada uma das quais explora os materiais, os capitais, as forças produtivas que lhe são transmitidas pelas gerações precedentes; assim sendo, cada geração, por um lado, continua o modo de atividade que lhe é transmitido, mas em circunstâncias radicalmente transformadas, e, por outro lado, ela modifica as antigas circunstâncias entregando-se a uma atividade radicalmente diferente; chega-se a desnaturar esses fatos pela especulação, fazendo-se da história recente a finalidade da história anterior. (MARX, 1998, p.47).

Ainda para Marx, o trabalho tem papel fundamental na produção histórica da humanidade, o trabalho é a produção da existência humana, sendo que este transforma a natureza e o próprio homem, [...] a existência [...] de cada elemento da riqueza material não existente na natureza, sempre teve de ser mediada por uma atividade especial produtiva, adequada a seu fim, que assimila elementos específicos da natureza a necessidades humanas específicas.



Os trabalhos determinados dos indivíduos em sua forma natural, a particularidade, e não a generalidade do trabalho, isto é que constitui neste caso o vínculo social. [...] O trabalho que se apresenta no valor de troca é pressuposto como trabalho do indivíduo particularizado e se torna social assumindo a forma do seu oposto direto: a forma da generalidade abstrata. (MARX, 1974, p.146).

Como criador de valores de uso, como trabalho útil, é o trabalho, por isso, uma condição de existência do homem, independente de todas as formas de sociedade, eterna necessidade natural de mediação do metabolismo entre homem e natureza e, portanto, da vida humana. (MARX, 1985a, p.50).

Ainda dentre as questões que permeiam o pensamento marxiano, destaca-se a ideologia, esta consiste em separar a produção de ideias das condições históricas sobre as quais são produzidas, assumindo um poder superior e exterior às ações materiais dos homens, camuflando as contradições entre capital e trabalho.

A ideologia surge da separação entre “trabalho manual” e “trabalho intelectual”, ou seja, da divisão social do trabalho, não se constitui enquanto processo subjetivo, mas como algo objetivo produzido pelas condições objetivas da existência dos indivíduos justificando os papéis sociais.

O FILÓSOFO ANTONIO GRAMSCI

Gramsci, filósofo marxista, jornalista, crítico literário e político italiano, têm como proposta educacional a escola unitária, esta superaria a crise do sistema escolar, seria uma “escola única” comum a todos, contrapondo a cisão entre o ensino técnico destinado aos subalternos e o ensino humanista, intelectual destinado à classe dominante e; o princípio educativo, este teria como objetivo organizar os homens na produção de sua subsistência e na mediação do homem com a natureza.

Para Gramsci, a luta de classe se encontra na superestrutura da sociedade e existem três níveis de consciência: o imediato, a abstração e o concreto pensado.

Dentre as questões que caracterizam o pensamento gramsciano, está a formação dos intelectuais orgânicos da classe, o autor defende a escola unitária frequentado por todos, a mesma escola para o proletariado e para a burguesia, porém ressalta que a escola formal forma ambas as classes, entretanto a burguesia tem seus intelectuais orgânicos formados para defender seus interesses na sociedade. No entanto, ainda que os trabalhadores desenvolvem função essencial no mundo da produção e frequentemente a mesma escola estes não formam seus intelectuais. Para Gramsci este é um problema complexo por causa das várias formas que a educação assumiu até agora o

processo histórico real de formação das diversas categorias intelectuais:

Todo grupo social, nascendo no terreno originário de uma função essencial no mundo da produção econômica, cria para si, ao mesmo tempo, organicamente uma ou mais camadas de intelectuais que lhe dão homogeneidade e consciência da própria função, não apenas no campo econômico, mas também no social e político. (...) Todo grupo social “essencial”, contudo, emergindo na história a partir da estrutura econômica anterior e como expressão do desenvolvimento desta estrutura, encontrou – pelo menos na história que se desenrolou até nossos dias – categorias intelectuais preexistentes, as quais apareciam, aliás, como representantes de uma continuidade histórica, que não foi interrompida nem mesmo pelas mais complicadas e radicais modificações das formas sociais e políticas. (GRAMSCI, 2004 p. 15).

Segundo, Gramsci todos os homens são intelectuais, mas nem todos desenvolvem na sociedade a função de intelectuais, formando assim, historicamente categorias especializadas para o exercício desta função e a escola é o instrumento que contribui para a formação dos intelectuais de diversos níveis. Para ele escola deve ser única e primeiramente trabalharia com a cultura geral, humanista, formativa, que equilibrasse o desenvolvimento da capacidade de trabalhar manualmente (tecnicamente/industrialmente) e o desenvolvimento das capacidades de trabalho intelectual.

A escola unitária requer que o Estado assuma as despesas dos alunos na manutenção dos escolares que estão sob responsabilidade da família “a inteira função de educação e formação das novas gerações deixa de ser privada e torna-se pública, pois somente assim ela pode abarcar todas as gerações, sem divisões de grupos ou castas”. (GRAMSCI, 2004, p. 36). Assim sendo, a escola unitária seria o início de novas relações entre trabalho intelectual e trabalho manual, o princípio unitário se refletiria em todos os organismos de cultura.

CONCLUSÃO

Diante do exposto e retomando o debate inicial deste texto, ao refletir sobre o papel da Educação na sociedade, reafirmamos a sua complexidade e suas contradições, especialmente no que se refere ao seu papel na conservação e/ou transformação social. Com base nos autores estudados pode-se dizer que a educação não transforma a sociedade sozinha, como prega o discurso neoliberal do capital, seria muita responsabilidade para uma única categoria, porém observa-se que as ações dos indivíduos envolvidos no processo educacional pode contribuir ou não para a transformação da sociedade de forma diferenciada a cada momentos históricos.



Se por um lado a Educação pode contribuir para a reprodução da ideologia dominante que defende a manutenção do sistema capitalista, por outro pode formar a classe trabalhadora também é capaz de criar estratégias de resistência a esse sistema e as práticas alienantes de reprodução do capital, contribuindo para o desvelamento das relações sociais que mantêm a ordem social vigente.

Considerando o pensamento de Marx, concorda-se com ele, e deste modo entende-se que a Educação em uma sociedade capitalista não é capaz de mudar a sociedade, mas esta pode sim contribuir para o desmascaramento da estrutura social capitalista, bem como, de suas contradições.

Desta forma, cabe aos intelectuais orgânicos envolvidos no processo educativo lutar pela garantia da qualidade do ensino ofertado, ainda que em uma sociedade capitalista e para isto a educação deve estar relacionado sempre a produção da existência humana, todas as áreas do conhecimento deve relacionar-se com a produção do conhecimento e do ser humano, a educação deve ir além da formação para o mercado, deve-se desenvolver no estudante a capacidade de conhecer e interpretar o processo de trabalho, a sociedade e suas contradições, é fundamental que estes tenham condições de se reconhecer neste processo e criar uma identidade de classe.

É necessário que a classe trabalhadora se reconheça como tal e que o possam ter acesso ao processo educativo público e de qualidade que os propicie também as condições necessárias para formar seus intelectuais orgânicos, ou seja, é preciso formar sujeitos conscientes e capazes de representar os trabalhadores na luta pela superação dos capitalismo e de suas explorações.

Concorda-se com Marx que o Capital é irreformável por isso precisamos ir além das reformas de Estado, é preciso transformar a sociedade e para isso é preciso romper com a ordem social capitalista, desumana e desigual. Pois, é na base social de uma sociedade que se constrói as bases sociais para uma nova ordem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DEWEY, John. Como pensamos: como se relaciona o pensamento reflexivo com o processo educativo, uma reexposição / John Dewey; nova tradução e notas de Haydeé Camargo Campos. – 4. ed. – São Paulo: Ed. Nacional, 1979;

FAVORETO, Aparecida. Marxismo e educação no Brasil (1922-1935): o discurso do PCB e de seus intelectuais. UFPR, 2008;

GRAMSCI, Antônio. Cadernos do Cárcere. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

KOSIK, K. Dialética do Concreto. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1995.

MARX, Karl. A ideologia alemã /Karl Marx e Friedrich Engels; (introdução de Jacob Gorender); tradução Luís Claudio de Castro e Costa. – São Paulo: Martins Fontes, 1998 – (Clássicos);

MARX, K. O Capital: crítica da economia política. Tradução por Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Abril Cultural, 1985c. Livro 1, v. 1, t. 2 (Os economistas).